

Nº 16 JUL/DEZ



## CRÔNICA: UMA TRADIÇÃO DISCURSIVA ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

Carolina Maria Bezerra Cavalcanti<sup>1</sup>Valéria Severina Gomes<sup>2</sup>

**RESUMO:** A crônica é um gênero textual híbrido, ligado tanto ao jornalismo como à literatura. As suas características atuais estão relacionadas não só ao desenvolvimento da imprensa como também às transformações sociais. Hoje, a crônica se configura como um texto breve, subjetivo e de fácil adaptação, que utiliza uma linguagem coloquial, muitas vezes poética, para narrar fatos do cotidiano. Nesse sentido, a crônica é de grande relevância em termos de práticas de leitura, propiciando o desenvolvimento de habilidades de linguagem importantes. Temos como objetivo observar o percurso de mudança e permanência dessa tradição discursiva no período entre o século XIX e o XX, verificando como ela constitui-se nos diferentes suportes, como se organiza estruturalmente e como se comporta nos domínios jornalístico e literário, analisando a temática desenvolvida nos exemplares selecionados, a partir de um *corpus* constituído de 14 crônicas publicadas em jornais de autoria de escritores pernambucanos e de escritores que tenham tido ou ainda tenham ligação com Pernambuco. O aporte teórico está baseado nos estudos sócio-históricos da língua(gem) e dos gêneros textuais e das tradições discursivas (BAKHTIN, 2000; KABATEK, 2003; KOCH, 2006; MARCUSCHI, 2008 e outros) e nos estudos relacionados ao jornalismo e à literatura (SÁ, 1985; MELO, 2003; CANDIDO, 1992; COUTINHO, 1997 entre outros).

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; gêneros textuais; língua(gem); tradições discursivas.

**RESUMEN:** La crónica es un género textual híbrido, relacionado tanto al periodismo como a la literatura. Sus características actuales están relacionadas no sólo al desarrollo de la prensa sino también a las transformaciones sociales. Hoy en día, la crónica se configura como un texto breve, subjetivo y de fácil adaptación, que utiliza un lenguaje coloquial, muchas veces poético, para narrar hecho del cotidiano. En ese sentido, la crónica es de gran relevancia en términos de prácticas de lectura, propiciando el desarrollo de habilidades de lenguaje importantes. Tenemos como objetivo observar la trayectoria de cambios y de permanencia de esa tradición discursiva en el período entre los siglos XIX y XX, verificando como ella se constituyó en los diferentes soportes, como su estructura se organiza y cómo se comporta en los dominios periodístico y literario, analizando la temática desarrollada en los ejemplares seleccionados a partir de un *corpus* constituido de 14 crónicas publicadas en periódicos de autoría de escritores pernambucanos y de escritores que han tenido o que tengan relación con Pernambuco. La fundamentación teórica está basada en los estudios socio-históricos de la lengua/lenguaje, de los géneros textuales y de las tradiciones discursivas (BAKHTIN, 2000; KABATEK, 2003; KOCH, 2006; MARCUSCHI, 2008 y otros) y en los estudios relacionados al periodismo y a la literatura (SÁ, 1985; MELO, 2003; CANDIDO, 1992; COUTINHO, 1997, entre otros).

**PALABRAS-CLAVE:** Crónica; géneros textuales; lengua/lenguaje; tradiciones discursivas.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: [carol\\_dalva@hotmail.com](mailto:carol_dalva@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco e doutora em Linguística pela UFPE.

## 1. Considerações iniciais

Este trabalho busca analisar o gênero crônica sob as perspectivas sócio-histórica da linguagem e das tradições discursivas, observando as mudanças e permanências em termos linguísticos, textuais e dos sujeitos e suas práticas culturais, políticas e sociais. A motivação para a pesquisa surgiu da necessidade de se estimular leituras cada vez mais críticas e reflexivas sobre o contexto no qual os sujeitos estão inseridos, sobre a língua e sobre os textos, considerando aspectos da historicidade da língua e dos textos. Estudos dessa natureza voltam-se para as reflexões sobre a construção de uma prática de leitura que objetive a interação entre o passado e o presente, assim como a formação de leitores e produtores de texto competentes linguisticamente e que saibam compreender e usar a língua nas diversas situações de interação, verificando o alcance dos objetivos comunicativos.

Parte-se de uma concepção de língua(gem) que resulta do processo de interação entre homem e realidade social. O estudo da língua(gem) está relacionado à sociedade que a produz. Segundo Maingueneau (2001), no discurso, os interlocutores, a situação, o contexto histórico-social, ou seja, as condições de produção constituem o sentido da sequência verbal produzida. Nesse sentido, o texto resulta de um comportamento verbal situado no espaço e no tempo (BRONCKART, 1999).

A crônica é um gênero textual que tem uma dupla filiação: o jornalismo e a literatura. Em seu percurso histórico, ela começou como um relato de fatos importantes organizados cronologicamente e atingiu a sua configuração moderna com o jornalismo. No entanto, as características atuais desse gênero não estão ligadas apenas ao desenvolvimento da imprensa, mas também às transformações sociais e ao fato de muitos escritores importantes começarem a utilizá-lo para registrar de modo mais literário os acontecimentos de sua época. Nesse sentido, a crônica é de grande relevância em termos de práticas sociais, propiciando o desenvolvimento de habilidades de linguagem importantes, como, por exemplo, a leitura. A crônica pode servir de porta de entrada para o mundo da literatura. Para Candido (1992, p.13), “por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade do dia a dia”, e, assim, conquista um público leitor.

O *corpus* para este estudo é constituído de 14 crônicas publicadas nos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Semana* e que posteriormente foram publicadas em livros de coletâneas. O critério de escolha dos exemplares foi o de seus autores terem nascido em Pernambuco ou terem forte ligação com o Estado, como no caso de Ariano Suassuna e Clarice Lispector. Em relação ao recorte temporal, as crônicas foram escolhidas dentro do intervalo de tempo entre o século XIX e o século XX. Foram analisadas 14 crônicas, baseando-se nos planos estrutural, linguístico e temático, com a intenção de observar o percurso de mudança e permanência dessas crônicas no período estudado, verificar como se constituem nos diferentes suportes, como se organizam estruturalmente e como se comportam nos domínios jornalístico e literário, considerando a temática desenvolvida nos exemplares selecionados.

A metodologia empregada neste trabalho alicerça-se em: um levantamento bibliográfico que sugere a indicação de leituras pautadas nos estudos sócio-históricos da língua(gem), dos gêneros textuais e das tradições discursivas (BAKHTIN, 2000; BAZERMAN, 2005; KABATEK, 2003; KOCH, 2006; MARCUSCHI, 2008;

OESTERREICHER, 2002 e outros) e nos estudos relacionados ao jornalismo e à literatura (SÁ, 1985; MELO, 2003; CANDIDO, 1992; COUTINHO, 1997 entre outros); na composição de um *corpus* correspondente ao recorte temporal estabelecido; na opção por uma abordagem qualitativa dos dados.

O procedimento metodológico utilizado iniciou com um levantamento historiográfico e bibliográfico do período pesquisado, enfatizando a leitura e a escrita das crônicas selecionadas. No processo de transcrição dos documentos, foi conservada a originalidade dos textos e estão sendo seguidas as notações de ordem filológica organizadas por Guedes & Berlink (2000, p. 12).

Para sistematizar a exposição dos resultados, o presente artigo está dividido nos seguintes tópicos: as tradições discursivas e o gênero crônica; a crônica: entre o jornalismo e a literatura; possíveis classificações; a crônica em diferentes suportes; análise; considerações finais e referências.

## 2. As tradições discursivas e o gênero crônica

Para abordar aspectos relacionados à historicidade da crônica, como também de outros gêneros, faz-se necessário discorrer, brevemente, sobre o conceito de Tradições Discursivas. Do ponto de vista da Linguística Sócio-histórica, o conhecimento específico da origem e das transformações pelas quais passam os gêneros textuais torna-se útil também para a compreensão das mudanças do sistema linguístico, mesmo reconhecendo que se trata de historicidades distintas. Esta é uma das dimensões de análise das Tradições Discursivas: a historicidade do texto. A visão tripartida da língua proposta por Coseriu (1979) possibilitou trazer para as análises linguísticas a compreensão da língua como processo histórico. O conceito de Tradição Discursiva (TD) nasceu a partir do nível histórico proposto por Coseriu e foi se ampliando ao longo do tempo. Partindo da reduplicação do nível histórico coseriano, Osterreicher (2001) discute que os textos não são produtos estáticos, circulam em diferentes contextos socioculturais, apresentam, na fala e na escrita, um *continuum* de variações e passam por transformações em diversos períodos históricos.

Para Oesterreicher (2001), as Tradições Discursivas têm um caráter móvel e estão sujeitas à dinamicidade da história, ou seja, estão sujeitas às mudanças que serão ditadas por cada novo acontecimento histórico-social, cada nova necessidade comunicativa que vai influenciar diretamente nos gêneros textuais que circulam na sociedade. Segundo Kabatek (2006), as TD dizem respeito às possibilidades que o usuário da língua dispõe para efetuar uma determinada finalidade discursiva. As finalidades ativam as TD, uma vez que estão contidas no acervo da memória cultural de uma comunidade (KABATEK, 2003), concretizando-se através dos gêneros textuais. Ainda de acordo com o autor, “[...] uma primeira abordagem poderia entender as TD como modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa” (KABATEK, 2006, p. 509). Castilho (2009, p. 716) destaca que as tradições se repetem e revelam que além da história das línguas, existe uma história dos textos de forma independente uma da outra. Para este autor, “deve-se considerar que os gêneros textuais repetem determinada tradição discursiva, mas também estão sujeitos a inovações e variações” (CASTILHO, 2009, p. 718).

As mudanças na formação de modelos textuais estão ligadas a mudanças sociais. Os gêneros textuais são tão flexíveis e variáveis quanto seu componente principal, a linguagem. Segundo Marcuschi (2011, p. 19), os gêneros “devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”. O gênero textual crônica pode ser um exemplo da relação entre tradições existentes e inovação.

A crônica é um gênero híbrido por excelência, pois se filia tanto ao domínio jornalístico quanto ao literário. Em sua etimologia, a palavra crônica se associa ao termo grego *khrónos*, que quer dizer *tempo* e, a partir dessa palavra veio *chronikós*, que significa *relacionado ao tempo*. Em latim, a palavra *chronica* era usada para designar o gênero que registrava, em ordem cronológica, acontecimentos históricos ligados, principalmente, a pessoas importantes como reis e imperadores. Assim, a crônica é um gênero que tem uma origem remota, existindo desde a Idade Antiga.

Este gênero consolidou-se com a implantação da imprensa no século XIX. No jornal, a crônica era publicada no rodapé da página, assim como folhetins, contos, pequenos artigos e poemas, e tinha a finalidade de informar os leitores sobre acontecimentos do dia ou da semana. No Brasil, ela se desenvolveu de maneira tão particular que é considerada um gênero tipicamente brasileiro. No jornalismo internacional, o termo ainda está associado ao relato cronológico dos fatos. Para o jornalismo brasileiro, a crônica é tida como um texto breve, relacionado à atualidade. Segundo Melo (2003), somente aqui ela assume características de um relato poético da realidade, ficando no limite entre a informação atual e a narrativa literária.

A veia jornalística imprimiu à crônica uma certa fugacidade e um traço mais popular e por essas características é concebida, por muitos críticos e teóricos, como um gênero menor. A partir da observação direta de fatos, o cronista descreve, comenta e informa o leitor sobre acontecimentos diários utilizando a concisão e a pressa do jornal, mas também a magia e a poeticidade da literatura. Essa relação híbrida entre os domínios jornalístico e literário tem conferido à crônica características peculiares que vêm se transformando ao longo do tempo.

### 3. A crônica: entre o jornalismo e a literatura

As mudanças na formação de modelos textuais estão ligadas a mudanças sociais. Como se sabe, a crônica tem sua origem na Antiguidade e, a partir do advento da imprensa, passa a registrar, numa sequência cronológica, não só os fatos históricos importantes, mas também a política, os costumes e a vida social do seu tempo. Percebe-se assim a íntima relação desse gênero com as transformações sociais, considerando relevantes movimentos e figuras de todas as classes sociais e mostrando a importância dos pequenos acontecimentos do cotidiano.

No início da imprensa, as crônicas eram publicadas nos rodapés dos jornais, espaço reservado para os folhetins. Para os cronistas da época, escrever seus textos para esse espaço era uma oportunidade de conseguirem notoriedade, dinheiro e, quem sabe, convites para publicarem seus livros. Era comum os escritores recorrerem à imprensa para garantir seu sustento e mesmo para conquistar público. Aos poucos, as crônicas foram se

desligando do fator cronológico dos acontecimentos e se aproximando da literatura. “À medida que a crônica ganhou seu espaço no jornal impresso, sobretudo, com os textos de Machado de Assis, no século XIX, o fator tempo passou a não ser tão fundamental. O aspecto cronológico cedeu caminho às inúmeras possibilidades de significados da crônica, à sua abrangência temática e linguística” (NEIVA, 2014).

Com a Revolução Industrial, a gestão dos jornais impressos sofreu transformações. Os jornais deixaram de ter um teor mais pessoal e de ser propriedade privada, dando espaço para uma maior objetividade na forma de noticiar os fatos e passando a pertencer a grandes grupos econômicos. A partir disso, a notícia foi se transformando em bem de consumo e o corpo do jornal foi se modificando, se dividindo em várias seções, implicando também em transformações na crônica. Uma delas foi que a crônica passou a ter um lugar específico nesse suporte e a intenção comunicativa também foi ganhando outros contornos. Segundo Candido (1992, p. 14),

“Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixadas a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma”.

Não há dúvidas da existência de uma estreita relação entre a crônica e o jornalismo, assim como não há dúvidas que ela apresenta características próprias dos periódicos. Porém a sua abrangência linguística consegue ir além da função referencial da linguagem que predomina nos textos jornalísticos, podendo ser observadas as funções poética, expressiva, metalinguística etc. Em sua narrativa, o cronista utiliza figuras de linguagem como a metáfora, a hipérbole, a personificação e outras, possibilitando com isso a criação de significados conotativos e denotativos para o seu texto. Por causa desse potencial linguístico, os leitores são capazes de atribuir mais de um sentido ao texto cronístico. Assim, a crônica ultrapassa os limites do texto jornalístico e aproxima-se do texto literário.

Por possuir esse elo com o domínio jornalístico e, a partir do século XIX, ter como características a matéria efêmera, as notícias diárias ou semanais, a vida cotidiana, a crônica recebe o rótulo de gênero menor. É verdade que ela não foi feita para ser publicada em livros e que sua ligação com o dia a dia – deixando-a mais próxima da vida real – fez com que ela se afastasse dos gêneros ditos elevados, capazes de arrebataram o leitor com seus enredos bem estruturados e personagens memoráveis.

Depois da Semana de Arte Moderna de 1922, a separação clássica entre literatura de elevação e o que se chama subliteratura deixou de fazer sentido. O cânone tornou-se mais flexível e o que hoje se chama de crônica moderna tem maior liberdade de expressão, assumindo uma prosa mais poética. É fato que os gêneros elevados são imortais e universais, que são lidos e relidos ao longo do tempo e que sempre dizem algo novo. Entretanto, nem todas as crônicas perderam seu valor logo após serem publicadas. As crônicas escritas no século XIX por José de Alencar, Machado de Assis, entre outros, têm o mesmo poder de arrebatamento, fazendo com que o leitor apreenda a história daquela época e reconheça assuntos que ainda hoje podem ser passíveis de discussão.



Enfim, a natureza híbrida da crônica a torna facilmente confundível, no entanto pode-se dizer que ela é um gênero transitório, situado entre o jornalismo e a literatura. É jornalístico, porque procura no cotidiano os fatos da realidade que podem ser noticiados e é literário, porque usa elementos literários como criação de personagens, linguagem coloquial, figurada e poética.

#### 4. Possíveis classificações

Na primeira acepção de crônica, os acontecimentos narrados estavam sempre ligados ao aspecto cronológico. Os cronistas observavam e registravam os fatos relacionados ao tempo. Essa relação com o tempo acompanha não só a origem do termo crônica, mas também suas definições mais modernas. No entanto, com a imprensa e a popularização do jornal, o fator tempo deixa de ser o mais importante, abrindo espaço para outras possibilidades temáticas e linguísticas.

A crônica moderna é considerada por muitos teóricos, a exemplo de Antonio Candido, como “filha do jornal”, que conquistou seu público leitor pela simplicidade da linguagem utilizada, pelo tom leve e bem humorado.

A modernidade impôs a rapidez dos acontecimentos, e era isso que o jornal oferecia a seu público, que, cada vez mais, ansiava por novidades. A sociedade estava mudando e a crônica acompanhou essas transformações, registrando as angústias, incertezas e inquietações do homem urbano, a vida social, a política, os costumes e o cotidiano do seu tempo. No Brasil, de acordo com o tema tratado, ela recebeu várias denominações como crônica social, crônica de costumes, crônica esportiva, crônica policial, entre outras.

Com base em Gomes (2007, p. 106), entende-se que “as possibilidades de classificação de um texto são necessárias dentro do seu processo analítico, entretanto não são definitivas e nem correspondem ao fim de uma abordagem”. Assim como existem várias definições para o gênero crônica – associadas tanto ao jornalismo como à literatura e que vão desde “composição aparentemente solta”, “que se ajusta à sensibilidade de cada dia” (CANDIDO, 1992, p 13-22), até um “registro circunstancial feito por um narrador-repórter que relata um fato” (SÁ, 1985, p. 8) –, existem diferentes classificações.

De acordo com Luiz Beltrão (1992, p. 68), que usa um critério jornalístico, a crônica tem duas classificações:

- i) Quanto à natureza do tema ela pode ser :

**Crônica geral:** ocupa um espaço fixo no jornal, e o autor aborda assuntos variados;

**Crônica local:** trata de assuntos relacionados ao cotidiano e também é conhecida como urbana;

**Crônica especializada:** o autor é especialista no assunto tratado.

- ii) Quanto ao tratamento dado ao tema ela pode ser:

**Analítica:** é dialética e os fatos são expostos e dissecados de maneira leve e objetiva;

**Sentimental:** os fatos comovem, o autor apela para a sensibilidade do leitor;  
**Satírico-humorística:** possui feição caricatural, critica e ironiza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor.

Afrânio Coutinho (1997, p. 120), utilizando o critério literário e reconhecendo não haver uma separação estanque entre os tipos, podendo fundir traços de uns e outros, classifica a crônica da seguinte forma:

- i) **Crônica narrativa:** o eixo é uma história, o que a aproxima do conto; ii) **Crônica metafísica:** constitui-se de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens;
- iii) **Crônica-poema em prosa:** de conteúdo lírico, mero extravasamento do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou de episódios para ele significativos;
- iv) **Crônica-comentário dos acontecimentos:** acumula muita coisa diferente ou díspar.

Ainda sob o ponto de vista literário, Antonio Candido (1992), sem a pretensão de categorizar, sugere uma classificação das crônicas em:

- i) **Crônica-diálogo:** o cronista e seu interlocutor imaginário se revezam, intercambiando informações e pontos de vista;
- ii) **Crônica narrativa:** tem certa estrutura de ficção, se aproximando do conto;
- iii) **Crônica exposição poética:** divagação livre sobre um fato ou personagem; iv) **Crônica biografia lírica:** narra poeticamente a vida de alguém.

Essas classificações por ora apresentadas não são classificações acabadas dos traços distintivos das crônicas. A crônica se configura como um gênero textual complexo e por sua natureza ambivalente e híbrida, merece e tem sido objeto de muitas pesquisas. No próximo tópico será abordado outro aspecto que é alvo de vários estudos e que se faz relevante para a caracterização desse gênero.

## 5. A crônica em diferentes suportes

De acordo com Marcuschi (2002), todo gênero tem um suporte e este é de grande importância para que o gênero circule na sociedade. Esse autor define o suporte de um gênero como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2002, p. 10). Basicamente, a função do suporte é fixar o texto, tornando-o acessível para finalidades comunicativas. Sendo o suporte convencionalizado e tendo um formato específico, ele pode contribuir com o gênero, no entanto os gêneros têm preferências e suas manifestações não são indiferentes aos suportes, ou seja, “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele” (MARCUSCHI, 2002, p. 11).

Neste trabalho, procurou-se observar como a crônica se constituiu nos diversos suportes e se o suporte interferiu ou não na construção desse gênero. O primeiro aspecto observado diz respeito à maneira como se lê o mesmo texto em suportes diferentes. A

forma como lidamos com o texto nos diversos suportes muda, não no sentido da compreensão que se tem do texto, mas no sentido da relação que se tem com ele. Ainda segundo Marcuschi (2002, p. 32), “o suporte não muda o conteúdo, mas nossa relação com ele, não só por permitir anotações, mas por manter um contato diferenciado com ele”. Assim, o modo como lemos uma crônica publicada em um jornal diário e o modo como lemos a mesma crônica publicada em um livro de coletânea do autor podem ser diferentes. Enquanto a leitura do jornal é mais rápida para não correr o risco de ficar desatualizada, a leitura do livro não tem pressa, pode ser interrompida e retomada ao bel prazer do leitor.

Apesar de em sua origem remota a crônica significar narração de fatos em uma sequência cronológica para servir de documento para a posteridade, na modernidade, em geral, ela não é feita para ser publicada em livros e sim em jornais ou revistas, que são publicações efêmeras e que rapidamente são descartadas. Por se abrigar essencialmente em veículos transitórios, esse gênero, em princípio, não tem pretensões de durar. Porém, quando passa de um suporte jornalístico para um livro, percebe-se que a sua durabilidade pode ser maior do que era esperado.

Outro aspecto observado foi a forma de organização dos gêneros nos suportes. O jornal e a revista, por exemplo, apresentam um conjunto de seções organizadas, e as crônicas publicadas nesses suportes ganham características específicas em decorrência dessa organização e se associam, em geral, às demais matérias e à diagramação dessas publicações.

## 6. Análise

No que diz respeito à análise das crônicas que compõem o *corpus* deste trabalho se faz necessário a seleção de aspectos relevantes para a identificação de TD, tais como elementos estruturais, linguísticos e temáticos, considerando suas condições de produção.

### 6.1 Dimensão estrutural e organização retórica

Pode-se dizer que a crônica sempre se configurou como um texto narrativo, que relata fatos importantes em uma sequência cronológica. Em seu percurso histórico, essa organização foi transformando-se e, com o advento da imprensa, foi popularizando-se e assumindo novas características. Ela chegou ao jornalismo com esse sentido de relato histórico e, de acordo com José Marques de Melo (2003, p. 149) “trata-se do embrião da reportagem. Ou seja, uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo”. Com a modernização do jornal, a crônica foi sofrendo mudanças. O cronista observava e relatava, a princípio, os acontecimentos sociais, políticos, econômicos mais relevantes, e, ao longo do tempo, essa organização foi se transformando e dando espaço para acontecimentos mais “rasteiros”, relacionados ao cotidiano e à atualidade. O cronista dá um toque particular a esses acontecimentos, utilizando em seus textos a ficção e o criticismo, elementos que não estão presentes no texto informativo.

Não é fácil definir a crônica, e, é possível perceber nela uma semelhança em relação a outros gêneros como, por exemplo, o ensaio, em que o autor pode abordar vários assuntos (de uma receita culinária, passando por um acontecimento esportivo até o



resultado das últimas eleições), fazendo uma dissertação breve e sem seguir uma sistematização, e com o conto, possuindo elementos ficcionais, início, meio e fim. Mas isso não é regra. Nos dias atuais, a crônica é composta de maneira diversa. De modo geral, percebe-se, a partir da leitura das crônicas selecionadas para este estudo, que não há uma forma fixa de escrever esse tipo de texto. O cronista pode se colocar dentro da narrativa, escrevendo sobre experiências pessoais – como nos textos de Nelson Rodrigues (*O menino de Pernambuco*), de Manoel Bandeira (*Carnavais de outrora*), de Clarice Lispector (*As grandes punições*), de José Teles (*Inteirando mais uma era nova*) –, ou sobre suas percepções a respeito de fatos, comportamentos, costumes, colocando sua opinião, como se vê nas crônicas de Gilberto Freyre (*Do horrível mau hábito de falar gritando*), de Hermilo Borba Filho (*Da obscenidade*) e do Padre Lopes Gama (*As Palestras da Ponte da Boa-Vista*). Pode também falar sobre uma outra pessoa, conhecida ou não, como no caso das crônicas de Ariano Suassuna (*Homero existiu?*) e de Osman Lins (*Anatol Rosenfeld – homenagem à memória do intelectual*).

Em princípio localizada no pé da página do jornal, no espaço destinado ao folhetim, pouco a pouco foi diminuindo de tamanho, se afastando da intenção de informar e comentar e se aproximando da intenção de divertir. A linguagem foi ficando mais descompromissada, deixando de lado a lógica argumentativa, relatando fatos mais corriqueiros com um toque mais humorístico e poético. Os trechos a seguir exemplificam essa passagem de um tom mais argumentativo para outro mais poético. O primeiro exemplo, do século XIX, apresenta elementos que constituem a argumentação (adjetivação, perguntas retóricas, pontuação enfática), conferindo ao texto mais seriedade e contundência, embora trate de um assunto corriqueiro. O segundo, do século XX, apresenta uma linguagem mais figurada, dando leveza e poeticidade ao texto.

**Exemplo 1:** [...] Ao departamento dos rabequistas per-|tence de juro e herdade a poda de vi-| vos , e mortos , de presentes , e au-| zentes , de homens, e mulheres, e de| quantos tem a **desgraça** de passar por| aqúelle lugar. [...] Quem há hí tão **feliz**, que, passando| a essa hora pela ponte , escape ás des-| humanas arcadas do bando rabequista?| **Pobre** Senhora, que por alí andou nessa| ocasião! (*As Palestras da Ponte da Boa-Vista*, Padre Lopes Gama, *O Carapuceiro*, nº 12, 1837) (grifos nossos)

**Exemplo 2:** [...] Eu não tinha ainda dez anos, mas já achava insensa-| to levar horas preparando um punhado de papel picado| que se iria embora pelos ares num gesto de mão que du-| rava um segundo... Assisti ao aparecimento dos primeiros| confetes, que me deslumbravam, das primeiras bisnagas,| que eram como as de pasta dental atuais, das primeiras| serpentinas. (*Carnavais de outrora*, Manuel Bandeira, 1962)

O título faz parte da organização de um texto e sempre acompanhou a crônica. Ele é a primeira referência para o leitor, podendo anunciar ou confundir o sentido de um texto. Com intenção de obedecer ou não às tradições históricas, o título faz um jogo com o conteúdo que será revelado. Travassos (2002, p. 6) destaca que os títulos “podem ser considerados como delimitadores textuais, principalmente em textos escritos unidirecionais, que apresentam um início e um fim. Como fator perspectivo, o título tem a função de avançar uma perspectiva de interpretação possível”. Verificou-se a presença de títulos em todas as crônicas analisadas. Os títulos das crônicas *As Palestras da Ponte da Boa-Vista* (1837) e *A sede dos empregos entre nós* (1842), do Padre Lopes Gama, *Do horrível mau hábito de falar gritando* (1926), de Gilberto Freyre, *Carnavais de Outrora*, de Manuel Bandeira (1962), *Da obscenidade* (1973), de Hermilo Borba Filho, *O menino de Pernambuco* (1970), de Nelson Rodrigues, *Lembranças do mundo antigo* (1958), de

Carlos Pena Filho, *Homero existiu?* (1973), de Ariano Suassuna, *Inteirando mais uma era nova* (1997), de José Teles, *Anatol Rosenfeld – homenagem à memória do intelectual* (1974), de Osman Lins, *As grandes punições* (1967), de Clarice Lispector, por exemplo, apresentam essas características de delimitar o texto e de funcionar como perspectiva de interpretação.

Foi possível verificar que as crônicas analisadas apresentaram uma grande flexibilidade em relação à forma e à organização. O que as diferenciam, independentemente da época em que foram escritas, é o estilo e o objetivo de cada autor, que devido à sua liberdade de criar, pode utilizar uma linguagem formal, coloquial, poética etc. Assim, pode-se considerar que esses aspectos apontados são um traço de permanência.

## 6.2 Dimensão temática

Do ponto de vista da dimensão temática, sabe-se que a crônica abordava, no início, temas históricos e relacionados com o tempo. Nesse sentido, entende-se que o cronista era um documentarista do seu contexto social e histórico. A partir do advento do jornal impresso, a crônica adquiriu novas características e ali, no espaço destinado ao folhetim, onde era normalmente publicada, nasceu sua definição moderna: um texto breve de temática simples. No espaço do folhetim, que era livre e permitia uma variedade de produções, a crônica se recriou. Assim, a veia documental da crônica foi se distanciando e os eventos, fatos e as temáticas do cotidiano foram tomando lugar. Vale destacar que o jornal tem um alcance e uma diversidade grande e, sendo assim, o leitor é peça importante para a crônica, podendo interferir na escolha do tema.

Como as crônicas analisadas foram publicadas primeiramente em jornais, procurou-se observar se elas mantinham um diálogo temático com os outros gêneros desse suporte. Verificou-se que esse diálogo aconteceu em apenas um exemplar analisado: *Lembrança do mundo antigo*, de Carlos Pena Filho, publicada no *Jornal do Comércio*, no dia do Natal do ano de 1958 e em que o autor discorre sobre lembranças suas dessa data.

**Exemplo 3:** [...] Um pinheiro escolhido com| cuidado, era a árvore de Natal, enfeitada com algodão, à| guisa de neve. Entretanto, lá fora, os grandes pinheiros se| precisavam de algodão era para agasalho, pois o que os| cobria era neve mesmo, vinha lá das bandas da Serra da Es-| trela, das “penhas doiradas”, como dizia o livro da escola. (*Lembrança do mundo antigo*, Carlos Pena Filho, *Jornal do Comércio*, 1958)

Em *As grandes punições*, Clarice Lispector aborda um tema claramente autobiográfico, descrevendo um período de sua infância passado no Recife e que destoava dos assuntos abordados no jornal na data de sua publicação.

**Exemplo 4:** [...] No terceiro ano primário mudei de escola. E no exame| de admissão para o Ginásio Pernambucano, logo de en-| trada, reencontrei Leopoldo, e foi como se não nos tivés-| semos separado. (*As grandes punições*, Clarice Lispector, *Jornal do Brasil*, 1967)

Pode-se observar outro exemplo da independência temática na crônica *O menino de Pernambuco*, de Nelson Rodrigues, que assume também um tom autobiográfico.

**Exemplo 5:** [...] Por que é mesmo que estou dizendo isso? Eu ia falar| das pitangas de minha infância. É outra fruta em vias de| extinção. Coisa curiosa. Toda minha infância tem gosto de| pitanga e de caju. Pitanga brava e caju da praia. (*O menino de Pernambuco*, Nelson Rodrigues, *O Globo*, 1970)

Na crônica *Do horrível mau hábito de falar gritando*, de Gilberto Freyre, publicada no *Diário de Pernambuco*, esse aspecto fica mais claro. O assunto predominante nessa edição do jornal era o carnaval, e Freyre escreve seu texto sobre comportamento.

**Exemplo 6:** [...] O grito na conversa é muito do ho-| men brasileiro, quando discute, mas| principalmente da mulher. Dizia-me uma vez um amigo: nas discussões| brasileiras vence quem berra mais| forte. (*Do horrível mau hábito de falar gritando*, Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 1926)

Já nas crônicas *As Palestras da Ponte da Boa-Vista* e *A sede dos empregos entre nós* do Padre Lopes Gama, o tema apresenta um caráter mais cotidiano. A primeira, uma crônica de costumes, trata, de forma irônica e irreverente, dos tipos humanos que se reuniam na ponte para conversar sobre assuntos sérios ou não. A segunda aborda a questão dos empregos, assunto atual e que ainda hoje faz parte de discussões acaloradas.

**Exemplo 7:** [...] A Ponte da Boa-Vista todas| as noites, mormente de luar, he| hum theatro talvez mais diver-| tido , do que o chamado thea-| tro publico. Ali aparecem in-| dividos de todo o lote , desd'o| honesto , e sisudo cidadão até| o mais completo , e rematado| peralvilho. (*As Palestras da Ponte da BoaVista*, Padre Lopes gama, *O Carapuceiro*, nº 12, 1837)

**Exemplo 8:** [...] Todos os dias se engenhão , e se crião| empregos absolutamente inuteis só para| arranjar afilhados. Mas que sorte dessagra-|çada não he a do funcionario publico ! (*A sede dos empregos entre nós*, Padre Lopes Gama, *O Carapuceiro*, nº 22, 1842)

As análises feitas sobre a dimensão temática das crônicas que compõem esse *corpus* revelaram que, em geral, não existe relação entre o tema abordado pelo cronista e um assunto noticioso. Conforme a elasticidade que esse gênero permite, o conteúdo e o estilo dos textos são livres, ficando o autor desobrigado de relacionar o assunto abordado em sua crônica com assuntos abordados nos outros gêneros do suporte. Esse é outro traço de permanência.

### 6.3 Dimensão linguística

Quanto à dimensão linguística, a análise das crônicas centrou-se nas marcas de proximidade comunicativa, no léxico e na interação com o leitor, embora esse gênero apresente outros elementos dessa dimensão para serem analisados.

As normas ortográficas, no Brasil, tardaram a se fixar. Isso somente aconteceu na primeira metade do século XX, e continua aberta para novas mudanças, a exemplo do novo Acordo Ortográfico de 2009. Dentre as mudanças linguísticas visíveis no curso da tradição cronística está a grafia das palavras. Observamos algumas mudanças gráficas nas crônicas analisados como a ocorrência de consoantes duplas, consoantes mudas, entre outras. Seguem exemplos:

**Exemplo 9:** [...] Que **diferente** porém não **he** a sorte do| homem , que para viver não carece de| favores do Governo! Em verdade que se| importão o Agricultor , o **Commerciante**,| o Proprietario , o Artista , o

industrioso| em **summa** , que prevaleça a facção do| alecrim , ou da manjerona? (*A sede dos empregos entre nós*, Padre Lopes Gama, *O Carapuceiro*, 1842) (grifos nossos)

**Exemplo 10:** [...] Não proviria **dahi** o habito de eleva-| ção do diapasão das conversas ain-| da hoje tão notado no nosso inte-| rior, entre as senhoras?|| Como se vê é **assumpto** aberto a| investigações históricas e a muita es-| peculação – isso de falarem gritan-| do muitas das brasileira. (*Do horrível mau habito de falar gritando*, Gilberto Freyre, *Diario de Pernambuco*, 1926)

Também foi possível observar nas crônicas analisadas, desde as mais antigas até as mais atuais, a recorrência da 1ª pessoa na narrativa, conferindo-lhes assim um tom de subjetividade, em que o autor expressa sua visão de mundo, sua opinião sobre o determinado assunto, sobre os acontecimentos que o cercam. Os trechos a seguir exemplificam isso.

**Exemplo 11:** Grande circunspecção cabe ,| que tenha este N° do **meu** Ca-| rapuceiro , a fim de que não se| lembre algum pechoso de pro-| ferir mui auctoritativo , e ca-| thegorico , que **me balancei** a| reprovar a ésmo quantos de volta| do seu passeio , ou mesmo de| caso pensado vão tomar fresco,| e papear em os assentos dessa| ponte. (*As Palestras da Ponte da Boa-Vista*, Padre Lopes Gama, *O Carapuceiro*, nº 12, 1837) (grifos nossos)

**Exemplo 12:** Por isto, **aconselho** ao| **meu** amigo Renato Carneiro Campos (**estou** baseado| em uma nota publicada por Paulo Fernando Craveiro| e não **sei** se o meu amigo continua com a idéia) que| nem pense em fazer uma exposição erótica de Fran-| cisco Brennand, José Cláudio e João Câmara porque,| com certeza, os moralistas lhe cairão em cima, inca-| pazes como são de distinguir entre o que é obsceno e| pornográfico. (*Da obscenidade*, Hermilo Borba Filho, *Diario de Pernambuco*, 1973) (grifos nossos)

**Exemplo 13:** Foi no primeiro dia de aula do Jardim da Infância do| Grupo Escolar João Barbalho, na Rua Formosa, em Reci-| fe, que **encontrei** Leopoldo. E no dia seguinte já éramos| os dois impossíveis da turma. (*As grandes punições*, Clarice Lispector, *Jornal do Brasil*, 1967) (grifo nosso)

**Exemplo 14:** **Aniversariei** esta semana.| Terça-feira, mesmo dia em que o| ex-presidente (felizmente) Col-| lor faz anos. **Cito** o malfazejo| porque ele me dá ainda mais| certeza de que horóscopo é uma das muitas bobagens em que o ser| humano acredita. (*Inteirando mais uma era nova*, José Teles, *Jornal do Comércio*, 1997) (grifos nossos)

A crônica moderna tem como características a brevidade e a subjetividade. A brevidade se dá devido ao seu suporte mais comum, o jornal, e, a subjetividade faz com que o diálogo com o leitor se processe de maneira mais natural. Por ter a função de informar e entreter ao mesmo tempo, ela apresenta características da língua falada para causar o efeito de naturalidade e realismo. As marcas da oralidade nos textos escritos são estratégias utilizadas pelo escritor para envolver e tornar o contato com o leitor mais informal. A pontuação representa bem esse fenômeno de aproximação da escrita com a oralidade e o seu uso estabelece uma entoação ao texto que envolve o leitor/ouvinte, com a intenção de provocar impacto. Segue um exemplo em que esse efeito é perceptível logo no título, *Homero existiu?*:

**Exemplo 15:** Em primeiro lugar, existe uma certidão de batismo| de Shakespeare (argumento, aliás, bastante forte para| provar que ele nasceu e existiu). Nessa certidão, vem o| menino com o nome não de William, mas de *Gulielmo*| Shakespeare! Ora, Gulielmo é a forma italiana de William| e Guilherme: logo, Shakespeare era italiano, e não inglês! (*Homero existiu?*, Ariano Suassuna, *Jornal da Semana*, 1973)

A pontuação promove uma integração entre o fônico e o gráfico, propriedade da leitura coletiva, em voz alta. Bechara (2009, p. 604-605) destaca exemplos, numa concepção restrita, do emprego da pontuação em um texto, a vírgula é essencialmente separador, assim como o ponto e vírgula, o ponto final, ponto de exclamação, reticências; dois pontos, aspas simples, aspas duplas, o travessão simples e o duplo, parênteses, entre outros, são sinais de comunicação ou “mensagem”. Esse autor, juntamente com Nina Catach (1994), entende por pontuação “um sistema constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” [NC.1, 7: 1994] (Apud BECHARA, 2009, p. 604).

No trecho a seguir, percebe-se o uso da pontuação (a vírgula e os dois pontos) funcionando como marca de aproximação entre a oralidade e a escrita, conferindo ao texto uma entonação que parece ser a de uma conversa entre amigos:

**Exemplo 16:** [...] Eu já arrancara das sebes o melhor musgo para fazer| o chão do presépio, num canto, perto da lareira. Estava| tudo pronto: a neve caía sobre as couves da horta, o bom| vinho aguardava nas canecas, e aí, pelas nove da noite,| nós sentávamos no chão sobre a palha e começávamos a| comer, muito vagorosamente, a ceia: castanhas, passas,| nozes e, principalmente, a bacalhoadá. (*Lembrança do mundo antigo*, Carlos Pena Filho, *Jornal do Comércio*, 1958)

As representações gráficas, como o itálico, o negrito, a caixa alta e outros sinais de pontuação como as aspas e os parênteses, quando utilizados em um texto, estabelecem maior intimidade entre o autor e seu leitor (BECHARA, 2004). Segundo Gomes (2007, p. 177), “o produtor do texto, ao utilizar essas marcas, quer comunicar algo a seu interlocutor. Para isso, sugere uma ênfase, sinaliza um acento mais forte, destaca informações relevantes, que, no ato da leitura, são assinalados por uma entonação especial”. Seguem dois exemplos:

**Exemplo 17:** [...] Excluídos os casos de| “sport” ou de arte, a voz só se deveria elevar do seu natural| para o angustioso berro de “Aqui d’el rei!” ou para o de “So-| corro!” (*Do horrível mau hábito de falar gritando*, Gilberto Freyre, *Diário de Pernambuco*, 1926)

**Exemplo 18:** [...] É por isso,| também, que seu *Hamlet* é a quarta ou quinta peça escrita| sobre o mesmo tema, em seu tempo. O que acontece, po-| rém – e nisso os críticos não falam –, é que só se fala, hoje,| nos “Hamlets” anteriores, por causa do dele. (*Homero existiu?*, Ariano Suassuna, *Jornal da Semana*, 1973)

Sendo um gênero acessível e de fácil penetração, tanto na camada da população mais letrada e elitizada como na camada mais popular, a crônica moderna sempre utilizou o recurso de interação com o leitor como que para possibilitar um contato face a face com o leitor. A simulação de diálogos pode funcionar como estratégia de argumentação e como via de interação com público leitor. Podemos perceber isso nos exemplos seguintes:

**Exemplo 19:** [...] Há nada,| como o Gagau? (exclama o sujeito) Ainda| ontem ganhei a meu Compadre ( muito| seu amigo sou ! ) seiscentos patações ,| afora mais oito centos , que outro mo| ficará devendo. Pois deite a benção a| esses oito centos (diz de parte hum pernal| já bem escarmentado no exicto dessas| dividas.) (*A Palestras da Ponte da Boa-Vista*, Padre Lopes Gama, *O Carapuceiro*, 1837)

**Exemplo 20:** [...] Ele continuou a me proteger. Lembro-| me de que uma vez usei uma palavra qualquer de gíria,| cuja origem maliciosa eu ignorava. E Leopoldo: “Não| diga mais essa palavra.” “Por que?” “Mais tarde você vai| entender”, disse-me ele. (*As grandes punições*, Clarice Lispector, *Jornal do Brasil*, 1967)



Outro recurso de interação com o leitor é a referência direta aos interlocutores. O próximo trecho exemplifica isso:

**Exemplo 21:** [...] Aliás, já repeti tanto isto| aqui neste espaço dominical| que talvez a senhora seja aco-| metida de entojos ao ler estas| mal tecladas [...] Como a senhora| não ignora, o nosso calendário| começa com o ano do nascimento| de Cristo. (*Para não dizer que não falei de ornitorrinco*, José Teles, *Jornal do Comércio*, 1997)

A análise feita até aqui, revelou a versatilidade e a plasticidade da crônica, e, ao longo de seu percurso histórico, percebeu-se algumas transformações, sejam nas dimensões estrutural e temática sejam na dimensão linguística. No que diz respeito aos aspectos observados nesta última dimensão, verificou-se que houve algumas mudanças em relação à grafia das palavras, devido à dinamicidade da língua, e ao uso do léxico. Já quanto à proximidade comunicativa e à utilização de recursos linguísticos que aproximam a oralidade da escrita, pode-se dizer que esse foi um traço que permaneceu.

Em síntese, ao fazer esta análise, verifica-se a importância do uso de estratégias textual-discursivas para a produção das crônicas, entendendo que o conceito de Tradição Discursiva ajuda na compreensão do processo de elaboração desse gênero. Esta análise buscou contribuir para o entendimento da organização textual e para uma reflexão ampliada da língua e dos textos. Percebe-se também que os elementos linguísticos observados nas crônicas analisadas são condicionados por fatores históricos, sociais e culturais.

## 7. Considerações finais

Pesquisar sobre gêneros textuais e tradição discursiva nas crônicas representa conhecer seu processo social, histórico e cultural de produção e de leitura e a sua historicidade. A observação de aspectos formais, linguísticos e temáticos contribui para a identificação de traços de permanência e mudança nessa tradição cronística. Nesse sentido, considera-se que as abordagens dos gêneros textuais como fatos sociais, culturais e históricos (BAZERMAN, 2003) possibilitam encontros interdisciplinares de áreas afins do conhecimento como psicologia, sociologia, antropologia, jornalismo, história e linguística, na medida em que são tomados como *corpus* para uma análise ou como fontes documentais para muitos estudos.

As mudanças sociais estão ligadas a mudanças na formação de modelos textuais. Para Oesterreicher (2001) as Tradições Discursivas (TD) têm um caráter móvel e estão sujeitas à dinamicidade da história, ou seja, estão sujeitas às mudanças que serão ditadas por cada novo acontecimento histórico/social, cada nova necessidade comunicativa que vai influenciar diretamente nos gêneros textuais que circulam na sociedade e que concretizam as tradições discursivas. Assim, jornais, revistas, romances, sermões, teatro podem revelar a maneira complexa pela qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas.

O objetivo deste trabalho foi analisar a crônica sob uma perspectiva sócio-histórica da linguagem, baseando-se nos planos estrutural, linguístico e temático, com a intenção de observar o percurso de mudança e permanência desse gênero textual no período estudado, verificar como ele constitui-se nos diferentes suportes, como se organiza

estruturalmente e como se comporta nos domínios jornalístico e literário, e analisar a temática desenvolvida nos exemplares selecionados. Percebe-se, através desse viés de análise, as transformações pelas quais a crônica passou. Em primeiro lugar, os aspectos documental e histórico como papéis oficiais não se mantiveram, no entanto, a temporalidade permaneceu como característica essencial, a qual está relacionada ao seu meio de veiculação principal (jornais e revistas). A crônica é um gênero complexo, que dá espaço para a diversidade e sua relação com o tempo e com o cotidiano é clara. Por meio de uma linguagem prosaica, simples, quase uma “conversa fiada”, o cronista fala sobre tudo, olha para tudo. Nas palavras de Vinícius de Moares, o cronista é um “prosador do cotidiano” (MORAES, 2004, p. 615). Ele observa o dia a dia com subjetividade, podendo, inclusive, tornar-se o mote de suas palavras.

As crônicas refletem o espaço-tempo em que foram produzidas e agem sobre os interlocutores. Nesse sentido, a pesquisa realizada para este artigo procurou fazer a relação entre a história social e o desenvolvimento linguístico e estreitar o seu contato com os conceitos de tradição discursiva e de gênero textual, que, sem dúvida, são importantes para a compreensão do processo de transformação pelo qual a crônica passou ao longo de sua história.

No caso da crônica, a literatura e o jornalismo apagam fronteiras e misturam convenções em relação a usos de linguagem ou à delimitação de gênero. No Brasil, ela é uma produção em que esse encontro entre jornalismo e literatura se intensificou. Aqui, a crônica se aclimatou com tanta naturalidade e se desenvolveu com tanta originalidade que pode até ser considerada como um gênero tipicamente brasileiro.

Assim, esperamos que os resultados desta pesquisa sejam relevantes para incentivar o interesse dos futuros professores/pesquisadores sobre a questão da historicidade interna e externa da língua(gem), dos textos e da sociedade de maneira geral. Desta forma, haverá a contribuição para uma proposta de ensino interdisciplinar que vise ao constante (re)fazer investigativo e pedagógico.

## Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina G. G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. E atual. conforme novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização: Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. BAZERMAN, C. Formas Sociais como habitats para ação. In: Investigações: Linguística e Teoria Literária – vol. 16, número 2, junho /2003, pp 123-141.
- BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir, Mário; GAYDECZKA, Beatriz & BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CAMPOS, A.; MONTEIRO, L. C. (orgs.). **Cronistas de Pernambuco**. Recife: Carpe Diem, 2010.

- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. Da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.
- CASTILHO, A. Transformação de gêneros discursivos em uma perspectiva diacrônica: o exemplo da notícia. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.) **História do Português Paulista** – PHPP. Campinas, São Paulo: UNICAMP/PUBLICAÇÕES, 2009, p. 637-663.
- COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e Linguística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.
- COUTINHO, A. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (orgs.). **A literatura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Global, 1997, v.6, p. 117-143.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
- GOMES, V. S. **Traços de mudança e de permanência em Editoriais de Jornais pernambucanos da forma ao sentido**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- GUEDES, M. & BERLINK, R. de A. (ed.). **E os preços eram commodos** – Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.
- KABATEK, J. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico**. Fundacion Duques de Loria. Seminário de História da língua espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas. Soria, Del 7 al 11 de Julio de 2003.
- \_\_\_\_\_. Tradições Discursivas e Mudança Linguística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z. e ALMEIDA, N. (orgs.). **Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- KOCH, I. V. G. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 19-36.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Disponível em [www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes.../texto-15.pdf](http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/matrizes/matrizes.../texto-15.pdf). Acesso em: 27/06/2014.
- MELO, J. M. de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MORAES, V. de. **Vinícius de Moraes: poesia completa e prosa**. Volume único/organização: Eucanaã Ferras. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- NEIVA, E. M. C. **A crônica no jornal impresso brasileiro**. Disponível em [www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios5\\_b.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios5_b.htm). Acesso em: 30/06/2014.
- OESTERREICHER, W. **Langage parlé et langage écrit**. Lexicon der romanistischen Linguistik. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. 1,2, s.v. 62. Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache, 2001a, pp. 584-627.
- \_\_\_\_\_. Automatización del Texto y Recontextualización. Dos problemas fundamentales en las ciencias del texto. In: Rodrigues, E. (org.). **Homenaje Luis Jaime Cisneros Lima**. Pontificia Católica del Peru, 2002.

SÁ, J. **A crônica**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

SILVA, L. D. O Carapuceiro. In: GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. **O Carapuceiro**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1883, v1.

TRAVASSOS, T. **Títulos, para que os quero?** Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2002.